

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DENISE FIOREZZI

MÍDIA IMPRESSA: O JORNAL COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CURITIBA

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DENISE FIOREZZI

MÍDIA IMPRESSA: O JORNAL COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Metodologia da Pesquisa Científica como requisito parcial para aprovação no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Mídias Integradas na Educação, Coordenação de Integração de Políticas de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª Aura Mª de Paula Soares Valente

CURITIBA

2011

Dedico este trabalho especialmente para minha filha Isadora Fiorezzi, razão de todos os meus esforços e dos meus estudos.

E de uma forma bem especial e carinhosa, dedico o resultado deste trabalho para todos os alunos que me auxiliaram na aplicação dos conteúdos teóricos pesquisados e estudados durante a realização deste Curso de Pós-Graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de modo especial a Deus, que me cumulou de inteligência e sabedoria.

Agradeço a minha família, meus pais e meus irmãos pelo apoio recebido.

Agradeço a minha filha Isadora Fiorezzi que soube me compreender nas minhas ausências e nos períodos em que me dediquei aos estudos e para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, professores e demais funcionários da Prefeitura Municipal, pela compreensão e entendimento.

Agradeço de modo especial, aos alunos que fizeram parte deste estudo e que se tornaram coadjuvantes do processo de construção e de reelaboração do conhecimento.

Agradeço aos meus colegas de curso, pela presença sempre amiga e incentivadora.

Agradeço de forma muito especial, a Tutora do Curso de Mídias, Janice Parizotto, pela presença constante, pelo auxílio na solução das dificuldades e pelo carinho ofertado aos seus alunos na modalidade de EAD. Apesar da distância física, sua presença foi sempre sentida de maneira contínua e constante.

Agradeço, de forma carinhosa, a orientadora deste trabalho de conclusão, Professora Aura Valente, pelo apoio e incentivo, bem como pelas orientações recebidas durante a realização deste TCC.

Agradeço finalmente ao meu grande amor, minha Paixão, a quem amo de forma intensa e especial. Apesar da distância que existe entre nós dois, é ele a minha grande fonte de inspiração.

“Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (Paulo Freire)

RESUMO

O objetivo deste estudo foi trabalhar a leitura, a produção escrita, a análise linguística e o reconhecimento dos diversos gêneros textuais presentes na mídia impressa - o jornal com alunos da 4ª série do Ensino Fundamental. A fundamentação teórica da pesquisa foi pautada na análise das diferentes concepções de linguagem que norteiam as atividades pedagógicas do ensino da Língua Portuguesa e na teoria sócio-interacionista de Vigotski. Na sequência foram exploradas algumas especificidades dos gêneros textuais, suas características e singularidades, incluindo as especificidades do gênero jornalístico e a distinção entre notícia e reportagem. Para a pesquisa foi realizado um estudo comparativo com duas turmas de quarta série do Ensino Fundamental que envolveu 43 alunos que trabalharam com os gêneros jornalísticos notícia e reportagem. O estudo comparativo desenvolveu-se na Escola Municipal Visconde de Mauá no Município de Lindoeste – Paraná. Os resultados da pesquisa apontam para as diversas possibilidades de uso do jornal impresso e diário em sala de aula como um possível agente potencializador para as atividades de leitura e de escrita e um material didático que possibilita o reconhecimento e a identificação dos gêneros textuais presentes num jornal impresso e de circulação diária.

Palavras – Chave: Jornal. Gêneros Textuais. Linguagem. Leitura e escrita.

ABSTRACT

The aim of this study was to work on reading, writing production, linguistic analysis and recognition of different kinds of texts present in the print media - the newspaper with students in the 4th grade on. The theoretical research was based on analysis of different conceptions of language teaching activities that guide the teaching of Portuguese language and social interaction in the theory of Vygotsky. Following were explored some specifics of genre, its characteristics and peculiarities, including the specifics of gender and the distinction between journalism and news reporting. For the research was conducted a comparative study with two groups of fourth grade of elementary school, which involved 43 students who worked with the genres of journalism, and news reporting. The comparative study was developed in Visconde de Maua Municipal School in the Municipality of Lindoeste - Paraná. The survey results point to the various possibilities of using the newspaper and printed daily in the classroom as a possible agent for potentiating the activities of reading and writing and educational material that enables the recognition and identification of text genres present in a printed newspaper and daily circulation.

Key - Words: Textual Jornal. Gêneros. Language. Reading and writing.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 1: Hábito de leitura dos Alunos de 4ª Série..... | 39 |
| GRÁFICO 2: Cadernos do Jornal Impresso preferidos pelos alunos de 4ª Série..... | 41 |
| GRÁFICO 3: Identificação dos objetivos das colunas diárias de um Jornal Impresso – Turma Manhã e Turma Tarde..... | 43 |
| GRÁFICO 4: Identificação dos Gêneros Textuais na 4ª Série “A” | 45 |
| GRÁFICO 5: Identificação dos Gêneros Textuais na 4ª Série “B” | 46 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO..... | 06 |
| ABSTRACT..... | 07 |
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 REVISÃO DA LITERATURA | 13 |
| 2.1 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM..... | 13 |
| 2.1.1 Concepção Sócio – Interacionista da Linguagem..... | 15 |
| 2.1.2 O Professor como Mediador da Aprendizagem..... | 16 |
| 2.1.2.1 A Aprendizagem..... | 16 |
| 2.1.2.2 A Aprendizagem e as Tendências Pedagógicas Brasileiras | 17 |
| 2.1.2.2.1 Pedagogia Liberal..... | 17 |
| 2.1.2.2.2 Pedagogia Progressista..... | 19 |
| 2.1.2.3 O Professor Mediador | 20 |
| 2.2 LINGUAGEM JORNALÍSTICA | 22 |
| 2.3 GÊNEROS TEXTUAIS | 23 |
| 2.3.1 Gêneros Textuais no Jornal Impresso | 29 |
| 2.3.1.1 Gênero Reportagem | 32 |
| 2.3.1.2 Gênero Notícia | 33 |
| 3 METODOLOGIA | 35 |
| 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | 39 |
| 5 CONCLUSÃO | 49 |
| REFERÊNCIAS..... | 51 |
| ANEXOS | 53 |

1 INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa trata sobre a Mídia Impressa: O Jornal utilizado como Instrumento de Aprendizagem dos diversos gêneros textuais na 4ª série do Ensino Fundamental.

No município de Lindoeste circulam diariamente dois jornais, O Paraná e Gazeta do Paraná, que levam ao leitor informações e notícias. O Diário Oficial do Município e todas as suas publicações legais são veiculadas e publicadas por meio do jornal O Paraná.

Segundo dados levantados junto a Secretaria Municipal de Educação do Município de Lindoeste na data de 15 de setembro de 2010, em nenhuma das escolas pertencentes à Rede Municipal de Educação, o jornal é utilizado como um recurso didático, como material de apoio para os trabalhos com a Língua Portuguesa, nem como material de incentivo da leitura, da escrita e da análise linguística, sendo que estas são algumas das possíveis utilizações pedagógicas para a utilização do jornal em sala de aula.

Uma outra alternativa que é possível ser destacada para o uso do jornal na escola é o trabalho com os diversos gêneros textuais que estão presentes em um jornal impresso. Sendo assim, questiona-se: como incentivar a leitura e a produção escrita de textos e o reconhecimento dos mais diversos gêneros textuais existentes, partindo da leitura e do estudo sistematizado de um jornal de circulação diária?

O objetivo geral desta pesquisa é trabalhar a leitura, a produção escrita, a análise linguística e o reconhecimento dos diversos gêneros textuais presentes na mídia impressa - o jornal com alunos da 4ª série do Ensino Fundamental.

Os objetivos específicos desta pesquisa foram: desenvolver a leitura e a escrita de diversos gêneros textuais por meio da mídia impressa – jornal; identificar os gêneros textuais presentes num jornal impresso de circulação diária, verificar as suas características e particularidades; realizar a análise linguística dos gêneros textuais que estão presentes nos jornais de circulação diária no município e fazer um estudo comparativo em duas turmas de quarta série utilizando os gêneros notícia e reportagem presentes num jornal impresso.

Quem lê mais, escreve melhor. Esta é a máxima que por muitos já é conhecida. Imagine quando se pensa no vasto e grande repertório de informações que se acessa a partir da leitura de um jornal. Em muitas situações, percebe-se que

o indivíduo que está mais próximo das mídias impressas e televisivas, apresenta um diferencial, um algo a mais, ou seja, possui maior facilidade para falar e apresenta mais argumentos para o ato da escrita.

Partindo deste pressuposto, percebe-se que a realização de uma pesquisa sobre o uso pedagógico da mídia impressa – o jornal – em sala de aula e o reconhecimento dos diversos gêneros textuais presentes em um jornal de circulação diária se justifica em razão da necessidade acadêmica de se ofertar uma maior diversidade de materiais escritos para a leitura dos alunos, de se trabalhar os diversos gêneros textuais que estão presentes num jornal e de se realizar atividades diferenciadas com as notícias diárias em sala de aula.

É possível também justificar o uso do jornal em sala de aula pela importância e a necessidade do trabalho pedagógico com temas atuais e assim promover a aproximação dos alunos com os conhecimentos reais e que estão circulando na sociedade. O trabalho com os temas da atualidade e da vivência dos alunos podem promover a atribuição de sentido tanto dos leitores quanto dos telespectadores, ou seja, por meio do uso de um jornal impresso em sala de aula ocorre a aproximação dos alunos com as notícias veiculadas diariamente, com a própria realidade vivida na região, no país e no mundo.

Contudo, ainda se justifica o uso do jornal em sala de aula em virtude da necessidade pedagógica da escola em promover a formação integral dos alunos e para o desenvolvimento da criticidade dos leitores diante das notícias lidas.

Resta-nos ainda um questionamento: por que levar o jornal para a sala de aula? Acredita-se que o papel fundamental da escola é a aproximação desta com o mundo onde vivem e convivem alunos e professores. Neste sentido, levar jornais para a sala de aula é uma das formas de trazer o mundo para dentro da escola. Jornais são meios, instrumentos e mediadores entre a escola e o mundo.

O jornal é uma fonte primária de informação e espelha muitos valores sociais e se torna desta forma ele é um instrumento importante para professores e alunos se situarem e se inserirem na vida social. Como apresenta diferentes conteúdos, diferentes gêneros textuais, o jornal preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação, de informação e de instrumento de aprendizagem.

Podem-se considerar outros aspectos importantes do jornal, como: o jornal é um importante instrumento para o trabalho com a leitura, uma vez que prepara leitores experientes e críticos; o jornal atua na formação geral do aluno, onde a

leitura crítica e a análise do seu conteúdo aumenta a sua cultura e desenvolve as suas capacidades intelectuais; o jornal apresenta-se como modelo padrão de língua, uma vez que os bons jornais oferecem tanto aos professores quanto aos alunos, uma norma padrão escrita que serve de referência para novas produções textuais.

Através do jornal se garante também o estudo das particularidades da língua, levando-se em consideração as diferenças lingüísticas regionais. O jornal garante o contato direto dos alunos com textos reais e autênticos, ou seja, distancia o ensino da língua dos textos preparados exclusivamente para o uso escolar. Convém destacar ainda que o jornal promove e desenvolve a capacidade leitora dos alunos e estimula a expressão escrita através do desenvolvimento da linguagem comunicativa para a transmissão das suas próprias mensagens e informações.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo tratará das concepções de linguagem que norteiam as atividades pedagógicas do ensino da Língua Portuguesa. A concepção sócio-interacionista orienta o trabalho com a língua por meio dos diversos gêneros textuais. Na sequência do capítulo serão exploradas algumas especificidades dos gêneros textuais, suas características e singularidades. Neste capítulo serão abordados ainda algumas considerações relacionadas à mediação pedagógica e a evolução histórica do pensamento pedagógico brasileiro. Concluindo a fundamentação são apresentadas algumas especificidades do gênero jornalístico fazendo uma distinção entre o gênero notícia e o gênero reportagem.

2.1 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM

Bakhtin (1982) em seus estudos sobre a língua e a linguagem conclui que ao longo de toda a sua existência, os homens aprenderam de formas distintas a comunicarem seus pensamentos por meio dos gestos e das palavras e a registrarem as suas ideias pelo uso dos signos, das imagens e das letras. Como consequência destes atos, os homens aprimoraram a comunicação entre eles. Assim, o desenvolvimento da linguagem escrita e falada surge a partir da necessidade da interação entre os homens para a socialização dos conhecimentos historicamente acumulados.

Bakhtin (1982) apresenta em seus estudos que, muitos foram os povos que contribuíram para o desenvolvimento da escrita e dentre estes se destacam os sumérios, os egípcios, os fenícios, os semitas, dentre outros. A partir desse desenvolvimento teve início a construção do primeiro alfabeto (3500 a. C) que aliado à invenção do papel, possibilitou séculos mais tarde – séc XVI - a invenção da imprensa por Gutemberg.

O ensino e o aprendizado do sistema de escrita bem como o ensino da língua estão relacionados aos modos de como o homem compreende a si mesmo, a linguagem e, desta visão decorrem as diferentes concepções de linguagem que foram produzidas durante a história.

Dentre as diferentes concepções de linguagem, destacam-se nesse trabalho três: a linguagem como expressão do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a concepção interacionista da linguagem.

Na concepção da linguagem como expressão do pensamento, compreende-se a linguagem como um dom individual que está no indivíduo, que aprende por maturação e que se expressa por *insights* ou descobertas repentinas. Nesta concepção, a linguagem é produzida no interior da mente dos indivíduos racionais. Se o indivíduo não fala bem é porque não pensa. Por essa razão, passou-se a primar pela clareza e precisão dos falantes, características essas que só seriam atingidas pelo domínio das regras do bem falar e do bem escrever conforme afirma Geraldi (1996) em seu livro *Linguagem e Ensino*.

Diante da linguagem como expressão do pensamento, o ensino da língua pautava-se na gramática normativa ou prescritiva e em geral, ficava bem distante das atividades de leitura e de produção de textos socialmente significativos. Cagliari (1998, p. 29) demonstra que esta concepção está organizada a partir do princípio do ensino da gramática pela gramática, completamente descontextualizada.

Na segunda concepção considerada nessa pesquisa tem-se a linguagem entendida como um instrumento de comunicação, na qual a língua é vista, de acordo com Geraldi (1985, p. 43), como um “código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem”. Esse código está estruturado por meio de critérios fonéticos, morfológicos e sintáticos. O falante tem então que se apropriar deste código para poder transmitir uma mensagem a outra pessoa.

Nessa concepção, a linguagem é vista do ponto de vista do locutor, como se ele estivesse sozinho, sem nenhuma relação com os outros. Mesmo quando se leva em conta o papel do outro, é sempre na perspectiva de um destinatário passivo, que se limita apenas a compreender o locutor. O aluno, nesta concepção, vinha para a escola apenas para aprender aquilo que o professor tinha para ensinar.

No ensino da língua, essa concepção se materializa em práticas pedagógicas tradicionais de exercícios de treinamento, de múltipla escolha e de completar lacunas, atividades estas que são artificiais e distantes do uso real da língua.

A terceira concepção define a linguagem como interação. Nessa perspectiva, os homens interagem socialmente mediados pela linguagem, ou seja, ela organiza suas relações sócio – discursivas.

2.1.1 Concepção Sócio – Interacionista da Linguagem

Na concepção sócio interacionista da linguagem, o homem se destaca pela sua capacidade de interagir com o seu meio social e modifica-o de acordo com as suas necessidades. O homem age sobre o meio e sobre os outros pelo uso das ferramentas diversas, sendo que uma delas é a linguagem. Ao agir e provocar alterações, o homem também é modificado por esses elementos. Percebe-se que a linguagem permeia todos os atos humanos.

Para Bakhtin (1982), a linguagem percebida como um modo de interação entre sujeitos se entende que,

Ao interagirmos com o outro, além de representarmos o mundo por meio da língua, construímos representações sobre ele, as quais colocamos em jogo na instância da interlocução. Neste sentido, consideramos o caráter dialógico e polissêmico das interações intersubjetivas. (Bakhtin, 1982, p. 121).

Já Galdi (1996, p. 49), afirma que através da interação por meio da língua é que se dá e se opera a noção de um sujeito discursivo, “como o lugar de uma constante dispersão e aglutinação de vozes, socialmente situadas e ideologicamente marcadas”. Conforme afirma Bakhtin (1982), Galdi também considera o caráter dialógico da língua, sendo portanto, a língua humana um espaço de junção das diversas vozes que compõe a linguagem.

Para compreender como a linguagem funciona, é preciso produzi-la, pois quando se produz linguagem, aprende-se linguagem, uma vez que tudo o que se diz ou se escreve dirige-se aos interlocutores concretos que, numa relação dialógica, trocam ideias sobre o mundo. Neste sentido, é preciso reconhecer a língua como resultante de um trabalho coletivo e histórico porque, conforme Bakhtin (1997, p. 121), “o homem é um ser histórico e social, carregado de valores”.

Bakhtin (1997) afirma ainda que o homem é o reflexo das relações entre os homens. Os modos de dizer do homem são realizados a partir de possibilidades oferecidas pela língua numa determinada situação ou contexto de produção, e só podem concretizar-se por meio dos gêneros textuais entendidos, segundo Bakhtin (1997, P. 57) como, “enunciados relativamente estáveis que circulam nas diferentes áreas da atividade humana, caracterizados pelo conteúdo temático, pela construção composicional e pelo estilo.

Na concepção sócio-interacionista, a linguagem, que se concretiza no momento da interação entre os indivíduos, traduz-se como instrumento de transformação social e durante uma situação comunicativa ocorre, principalmente, a troca de informações, fator este que é determinante no processo de ensino e de aprendizagem. Portanto, é papel da escola garantir ao aluno o domínio efetivo sobre a língua, a fim de que possa utilizá-la, de forma oral ou escrita, adequando-se sempre as diferentes situações de uso da língua e da linguagem.

2.1.2 O Professor como Mediador da Aprendizagem

De acordo com Libâneo (1995), a tarefa principal do professor é garantir a unidade didática entre o ensino e a aprendizagem. Tanto o ensino quanto a aprendizagem são duas facetas de um mesmo processo. Para que se possa compreender melhor algumas características deste processo, é necessária a definição de alguns termos a seguir elencados:

2.1.2.1 A aprendizagem

Segundo Libâneo (1995), existe aprendizagem e processos de aprendizagem em quase todas as ações humanas. Segundo o autor,

Qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem. Desde que nascemos estamos aprendendo, e continuamos aprendendo a vida toda. Uma criança pequena aprende a distinguir determinados barulhos, aprende a manipular um brinquedo, aprende a andar. Uma criança maior aprende habilidades de lidar com as coisas, nadar, andar de bicicleta, etc., aprende a contar, a ler, a escrever, a pensar, a trabalhar junto com outras crianças. Jovens e adultos aprendem processos mais complexos de pensamento, aprendem uma profissão, discutem problemas e aprendem a fazer opções, etc. As pessoas, portanto, estão sempre aprendendo em casa, na rua, no trabalho, na escola, nas múltiplas experiências da vida. (Libâneo, 1995, p. 81-82)

Diante destas considerações de Libâneo expostas acima, pode-se ainda distinguir a aprendizagem como casual e organizada. Libâneo (1995) afirma que a aprendizagem casual é quase sempre espontânea, surge naturalmente da interação entre as pessoas e com o ambiente em que vivem. Ou seja, a aprendizagem casual ocorre pela convivência social, pela observação dos objetos e dos acontecimentos, pelo contato com os meios de comunicação, leituras, conversas, entre outros. Neste

contato, as pessoas acabam acumulando experiências, adquirindo conhecimentos e assim promovendo a aprendizagem casual.

Ainda Libâneo (1995) apresenta a aprendizagem organizada, que é aquela que tem por finalidade específica aprender determinados conhecimentos, habilidades, normas de convivência. Embora esses aprendizados possam ocorrer em vários lugares, é na escola que são organizadas as condições específicas para a transmissão e assimilação de conhecimentos e habilidades. Esta organização intencional, planejada e sistemática das finalidades e condições da aprendizagem escolar é tarefa específica do ensino.

Quando se faz referência ao ensino, acredita ser necessário um resgate histórico de como a concepção sobre este ocorreu, suas principais características, quais são as suas especificidades, suas particularidades e as concepções que nortearam o fazer pedagógico, o processo de ensino e principalmente como foi vista e encarada a aprendizagem através dos tempos.

2.1.2.2 A aprendizagem e as tendências pedagógicas brasileiras

A aprendizagem, de acordo com a tendência pedagógica em que é desenvolvida muda de foco e de perspectiva. Para Libâneo (1990), as tendências pedagógicas podem ser classificadas em dois grupos: liberais e progressistas. No grupo das tendências liberais, estão incluídas as tendências: a Tradicional, a Renovada Progressista, a Renovada Não-Diretiva e a Tecnicista. Já no grupo progressista apresentam-se três tendências, a Libertadora, a Libertária e a Crítico-Social dos Conteúdos.

2.1.2.2.1 Pedagogia liberal

De acordo com Libâneo (1990), a Pedagogia Liberal sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais. Isso pressupõe que o indivíduo precisa adaptar-se aos valores e normas vigentes na sociedade de classe. Ainda para Libâneo (1990), de acordo com a Pedagogia Liberal, a diferença entre as classes sociais não são consideradas, pois embora a escola passe a difundir a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições.

A tendência tradicional, segundo Gadotti (1988), se caracteriza por acentuar o ensino humanístico. O aluno é educado para atingir sua plena realização através do esforço próprio. No que se refere à aprendizagem, a ideia do ensino é o repasse dos conhecimentos, onde a capacidade de assimilação da criança é comparada à capacidade do adulto, desconsiderando as características próprias de cada idade. A criança é vista como um adulto em miniatura, apenas menos desenvolvida.

No trabalho com a Língua Portuguesa na tendência liberal conforme apresenta Gadotti (1988) predomina a exposição oral do conteúdo, do ensino baseado em modelos, do ensino da gramática pela gramática com ênfase nos exercícios repetitivos e de recapitulação da matéria, exigindo do aluno uma atitude receptiva e mecânica. Os conteúdos são organizados pelo professor numa sequência lógica e a avaliação é realizada através de provas escritas e de exercícios de casa.

Ainda como exemplo da prática da Pedagogia Liberal tem-se a Tendência Renovada Progressivista. Para Libâneo (1990), essa tendência acentua o sentido da cultura como desenvolvimento das aptidões individuais. A escola prepara o aluno para assumir o seu papel na sociedade, adaptando as necessidades do educando ao meio social. A atividade pedagógica está centrada no aluno, defendendo a ideia do aprender fazendo, valorizando as tentativas experimentais, a pesquisa, a descoberta. Nesta tendência a aprendizagem se torna uma atividade de descoberta, de autoaprendizagem, sendo que o ambiente é apenas estimulador.

Para a Tendência Renovada Não-Diretiva, conforme é apresentado por Gadotti (1988) a preocupação da escola é mais com os problemas psicológicos e menos com os pedagógicos e sociais. A mudança deve vir do interior do indivíduo para daí acontecer a adaptação deste com as condições apresentadas pelo ambiente. A aprendizagem nesta tendência é vista como a modificação das próprias percepções. Ela está diretamente relacionada aos eventos significativos para o aluno. O ensino fica centrado apenas no aluno e o professor é um mero facilitador.

Como exemplo da última tendência da Pedagogia Liberal temos a Tendência Liberal Tecnicista. De acordo com Matui (1988), a preocupação da escola tecnicista é a preparação de indivíduos competentes para o mercado de trabalho, pouco se preocupando com as mudanças sociais. Segundo o autor (1988), a escola tecnicista se baseia na teoria da aprendizagem estímulo e resposta, conforme apregoa Skinner em sua corrente psicológica conhecida como behaviorista. A Tendência Tecnicista

foi implantada no Brasil a partir da reforma do ensino e da LDB nº 5.692/71. Ela é de certa forma uma modernização da escola tradicional onde a aprendizagem se baseia exclusivamente no desempenho.

2.1.2.2.2 Pedagogia progressista

De acordo com Libâneo (1990), a Pedagogia Progressista designa as tendências que partem de uma análise crítica das realidades sociais e sustentam implicitamente as finalidades sócio-políticas da educação.

Segundo Gadotti (1988), a Tendência Progressista Libertadora também conhecida como Pedagogia de Paulo Freire, vincula a educação à luta e a organização de classe do oprimido. A força motivadora da aprendizagem deve decorrer da codificação de uma situação-problema que precisa ser analisada de forma crítica, envolvendo exercícios de abstração. De acordo com Libâneo (1990), na tendência libertadora aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando e só tem sentido se resulta da aproximação crítica da realidade. O trabalho pedagógico gira em torno de temas geradores por meio do método de grupos de discussão.

A Tendência Progressista Libertária parte do pressuposto de que somente o vivido é incorporado, utilizando situações novas. Por isso, o saber sistematizado só terá relevância se for possível o seu uso prático. De acordo com Gadotti (1988) a ênfase da aprendizagem, na tendência progressista libertária, está no grupo, de modo informal, onde toda a forma de repreensão é negada, visando assim o desenvolvimento de pessoas mais livres.

De acordo com Gadotti (1988) após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9.394/96 são valorizados os teóricos Piaget, Vygotsky e Wallon, que tem como característica comum o fato de serem interacionistas, uma vez que concebem o conhecimento como resultado da ação que se passa entre sujeito e objeto.

Ainda de acordo com Gadotti (1988, p. 38), o conhecimento não está então no sujeito, como queriam os inatistas, nem no objeto, como diziam os empiristas, mas ele resulta da interação entre ambos. Já Libâneo (1990), ao tratar pedagogia interacionista ressalta que o papel do aluno é tido como participante e do professor é encarado como mediador entre o saber e o aluno. A aprendizagem é baseada nas

estruturas cognitivas que vão sendo construídas pelos alunos, no processo de ensino e de aprendizagem.

2.1.2.3 O professor mediador

Além de ser conhecedor da disciplina e ter domínio das estratégias de ensino, o professor precisa aprender a ser um mediador da aprendizagem. Vygotsky (1998) afirma que ao contrário do que se pensa, ser professor não implica em ser um mediador. A relação, portanto não é imediata. Ainda de acordo com Vygotsky (1998), um professor pode potencializar sua ação modificando a sua postura como educador. Para tanto, é preciso que o professor aprenda como desafiar, incentivar, provocar e desequilibrar saberes pré-concebidos.

Vygotsky (1998) afirma que o professor como mediador do processo de ensino e de aprendizagem deve buscar metodologias interessantes tornando seu trabalho mais atraente, buscando novas formas de trabalhar o conteúdo valorizando o conhecimento de seus alunos. O professor mediador é aquele que trabalha com conteúdos desejados pelos educandos, sendo que os resultados são melhores quando os alunos estão interessados no trabalho pedagógico.

Para Vygotsky (1998), o professor deve ser um orientador, um estimulador de processos que levam o aluno a construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidades que permitam crescer como pessoas, como cidadãos e futuros trabalhadores. Para ele, a educação não deve apenas formar trabalhadores que atendam as exigências do mercado, mas um cidadão crítico, que saiba valorizar seus conhecimentos, sendo que isso só será possível a partir do momento que o professor assuma o seu papel de mediador do processo de ensino e de aprendizagem, favorecendo sempre a postura reflexiva e investigativa.

Para que um professor possa ser considerado mediador, de acordo com o que afirma Vygotsky (1998), é indispensável dar mais ênfase à aprendizagem do que aos programas e às provas, como é comum em muitas escolas. No processo de ensino e de aprendizagem os conceitos, as ideias e os métodos devem ser abordados mediante a exploração de problemas, desenvolvendo competências para a interpretação e resolução dos mesmos.

Para Vygotsky (1998), o sujeito orienta-se por motivos, por fins a serem alcançados. Segundo ele,

O conceito de atividade está diretamente unido ao conceito de motivo. Não há atividade sem motivo; a atividade 'não motivada' não é uma atividade sem motivo, mas uma atividade com um motivo subjetiva e objetivamente oculto. (Vygotsky, 1998, p. 82)

Nesta perspectiva é possível verificar que o professor mediador deve planejar suas atividades de tal maneira que seus educandos possam sentir-se envolvidos e com a clareza dos motivos e finalidades pelos quais é importante aprender sobre determinadas coisas. Vygotsky (1998) conclui que se o professor agir desta maneira estará realizando uma atividade de aprendizagem, caso contrário é apenas uma atividade de ensino.

Para dar conta destas especificidades, Vygotsky (1998) em seus estudos, propôs alguns conceitos de como e de onde o educador deve partir para trabalhar o processo de ensino e de aprendizagem com os seus alunos. Segundo ele existe a Zona de Desenvolvimento Real que compreende os conceitos que o sujeito da aprendizagem já domina. Existe ainda a Zona de Desenvolvimento Potencial que pode ser definida como aquilo que o sujeito pode desenvolver e tem condições de aprender. Desde que sejam dadas as devidas oportunidades, realizadas as mediações necessárias, a Zona de Desenvolvimento Potencial é ilimitada, ou seja, quanto mais desenvolvimento, mais aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1998), estes conceitos valem tanto para o aluno quanto para o professor, uma vez que a aprendizagem não é um processo restrito a uma tarefa ou espaço de tempo, e nem somente para o aluno. A aprendizagem é portanto, encarada como constitutiva à nossa existência. O domínio do conhecimento está ligado às oportunidades que cada sujeito tem no decorrer de sua vida, seja na escola, no contexto familiar ou social.

Para Vygotsky (1998), o professor constrói seu conhecimento em cursos de formação e em sua experiência de vida. Do mesmo modo, o aluno constrói seu conhecimento na escola e em sua experiência de vida. Compete ao professor, como mediador, estabelecer os objetos de conhecimento relevantes para a aprendizagem de toda a turma, mas deve também levar em consideração as especificidades tanto da turma, em visualizar esta relevância, quanto dos indivíduos, em relacionar estes novos conhecimentos com os que já detêm.

Partindo dos princípios norteadores de Vigotski, a presente pesquisa utilizará o jornal como instrumento de aprendizagem nas séries iniciais do ensino

fundamental, para trabalhar a leitura, a produção escrita, a análise linguística e o reconhecimento dos diversos gêneros textuais presentes na mídia impressa. Portanto, faz-se necessário conhecer a linguagem jornalística.

2.2 LINGUAGEM JORNALÍSTICA

Andrade (2008) demonstra que a linguagem jornalística segue uma regra primordial que é a de narrar o fato rapidamente e de forma simples, tendo sempre em vista que o essencial na comunicação praticada através das diversas mídias é escrever de modo que se faça entender. Neste caso, é necessário que se evitem o uso das palavras desconhecidas, evitando o emprego de uma linguagem muito rebuscada e de difícil entendimento. Quanto mais simples e corriqueira for a linguagem utilizada no ramo jornalístico, mais fácil será o entendimento dos leitores.

Ainda para Andrade (2008) é comum se observar nos jornais impressos o uso excessivo de adjetivos. Um jornal possui várias colunas e em cada uma delas é possível verificar uma característica própria e específica, uma vez que o vocabulário utilizado em cada coluna é de certa forma, específico e particular. Andrade (2008) afirma que os textos que circulam nos jornais impressos tendem a ser escritos de forma enxuta, sem o uso de formas rebuscadas nem de muitas palavras acessórias. E para que isso ocorra é preciso que a linguagem seja pura, simples e objetiva.

Andrade (2008) afirma ainda que para que o leitor se manter atento ao texto, o autor do texto que circula no jornal se utiliza da prática e do uso de parágrafos curtos, com períodos breves, palavras curtas, evitando o lugar comum, palavras abstratas e complexas ou termos técnicos. Todos estes cuidados são necessários quando da produção de gêneros jornalísticos para que os leitores se mantenham atentos e compreendam a mensagem transmitida em cada um dos diferentes gêneros textuais que circulam diariamente nos jornais impressos.

A linguagem jornalística, quando veicula informações, dá preferência às expressões objetivas e evita o uso de expressões comprometedoras como o uso de pronomes pessoais na primeira pessoa bem como, não faz uso dos pronomes possessivos. Para tanto, pode-se verificar que Andrade (2008) afirma que o texto jornalístico, além de obedecer a gramática, deve ser claro, harmônico, preciso, ter unidade e seguir uma sequência lógica e sem fugir do assunto, para que o leitor fique atento à notícia até o final.

As normas de linguagem mais usadas na redação dos jornais são as seguintes: linguagem simples, acessível até mesmo as pessoas de pouca escolaridade; redação em ordem direta (sujeito – predicado e complemento); preferência de verbos na voz ativa; evitar adjetivação e adverbialização inútil; utilizar palavras fáceis, de uso cotidiano, sem complexidade de formação; explicitar as siglas, colocando seu significado por extenso; redação de forma leve, concisa e agradável; utilização de palavras curtas – no máximo 15 palavras; evitar superlativos; escrever o mínimo possível, com o máximo de informação e se deve evitar o uso de gírias.

Contudo, convém lembrar que a linguagem jornalística não se reduz ao uso do código verbal. De acordo com Andrade (2008), ao lado da expressão verbal, há outras formas de expressão como é o caso da fotografia, da charge, de diversos tipos de ilustrações como quadros, tabelas e gráficos.

Marcuschi (2003) afirma que a escola recebe crianças que, desde cedo, convivem com a linguagem escrita em diversos suportes, dentre eles, o jornal. Ao dar prioridade aos fatos sociais que ocorrem na sociedade, o jornal se constitui um excelente material didático para o ensino de leitura e produção de textos.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS

Marcuschi (2003,) afirma que já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Sendo portanto um fruto do trabalho coletivo, os gêneros textuais contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas no dia-a-dia. Eles são entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Marcuschi afirma ainda que,

Os gêneros textuais se caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Eles surgem emparelhados as necessidades e as atividades sócio-culturais, bem como na relação com a inovação tecnológica, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (Marcuschi, 2003, p. 19).

Para vários autores e pesquisadores e de forma mais evidente de acordo com as pesquisas e os estudos realizados por Marcuschi (2003) no que se refere ao

surgimento dos gêneros textuais, pode-se verificar que eles estão diretamente ligados ao processo histórico de desenvolvimento humano, visto que os primeiros povos possuíam uma cultura essencialmente oral sem a presença da escrita, desenvolvendo desta forma um conjunto limitado de gêneros.

Para Marcuschi (2008) depois da invenção da escrita alfabética, multiplicam-se os gêneros disponíveis e surgem os gêneros textuais típicos da escrita. Outra característica que contribuiu para o grande surgimento de gêneros textuais foi o surgimento da cultura impressa no período da industrialização.

Contudo, Marcuschi (2008) apresenta que o grande salto de crescimento do número de gêneros textuais a disposição na sociedade atual ocorreu recentemente no período em que se desenvolveu de forma marcante a cultura eletrônica e midiática através do telefone, do gravador, do rádio, da televisão, e particularmente do computador pessoal e da sua aplicação mais notável, a Internet, pode-se então presenciar uma grande explosão de novos gêneros textuais e de novas formas de comunicação, quer sejam estas novas formas gêneros da oralidade quer sejam gêneros da escrita.

Já se sabe que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Para Marcuschi (2008) os gêneros textuais se caracterizam muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas particularidades linguísticas e estruturais. Nestes últimos anos, a própria evolução das mídias e dos meios de comunicação promoveu o surgimento de novos gêneros textuais. É claro que não são as tecnologias que originam os gêneros textuais, mas a intensidade de uso destas tecnologias e a sua interferência nas atividades comunicativas diárias.

Os grandes meios de comunicação, como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, devido aos seus suportes tecnológicos de comunicação e por terem uma presença marcante e central nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez, promovendo o surgimento e abrigando nos seus suportes os novos gêneros bastante característicos. Marcuschi (2008) afirma que é daí que surgem as formas discursivas novas, tais como os editoriais, os artigos, as notícias, os telefonemas, os telegramas, as telemensagens, as teleconferências, as videoconferências, as reportagens ao vivo, as cartas eletrônicas, os *emails*, os bate-papo virtuais, os *chats*, as aulas virtuais (aulas *chats*) e assim por diante.

Bakhtin (2007) afirma que os gêneros que vão surgindo não são absolutamente novos. Todos os gêneros que aparecem se ancoram em outros gêneros já existentes. Ocorre portanto, o que Bakhtin afirmou, uma transmutação dos gêneros e na assimilação de um gênero surge outro com características parecidas mas com particularidades distintas.

Pode-se exemplificar esta afirmação de Bakhtin observando alguns gêneros textuais. Marcuschi (2008) apresenta alguns exemplos significativos, como: o telefonema é bem semelhante à conversação que lhe precede, contudo ele é distinto devido ao uso do canal telefônico, ou seja, apesar do telefonema e da conversação serem dois exemplos dos gêneros da oralidade, cada um deles se realiza através das suas características próprias. Outro exemplo significativo é o *email* (correio eletrônico) que gera mensagens eletrônicas, sendo que estes têm nas cartas (pessoais, comerciais, etc) e nos bilhetes os seus antecessores. Contudo, as cartas eletrônicas são gêneros novos com identidades próprias, principalmente as características próprias e emergentes na mídia virtual.

Os gêneros textuais, de acordo com a definição dada por Marcuschi (2003) são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Todos os gêneros são frutos do trabalho coletivo e contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia.

Na mesma obra *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*, Marcuschi (2003) apresenta-os como instrumentos maleáveis, dinâmicos e plásticos e por este motivo surgem emparelhados às necessidades e às atividades socioculturais e também como relação direta das inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a enorme quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Estas considerações de Marcuschi (2003) motivam a reflexão sobre alguns aspectos. A invenção da escrita proporcionou o surgimento de inúmeros gêneros textuais na sociedade letrada. Muitos destes gêneros sobreviveram durante muito tempo como gêneros da oralidade, passaram com a escrita a serem registrados e perpetuados para as futuras gerações da humanidade.

Marcuschi (2003) destaca que outro aspecto que proporcionou o surgimento de diversos gêneros textuais foi a invenção da informática e da *Internet*, onde diversos gêneros orais novamente se solidificaram através de situações comunicativas em *chats* e em bate papos virtuais. Esta transformação histórica fez

com que muitos desses gêneros fossem incorporados a cultura da humanidade e muitos outros ainda, acabassem sendo esquecidos. Pode-se então verificar que, existe atualmente uma grande explosão de novos gêneros e de novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita.

Na medida em que surgem os gêneros textuais e com os estudos que são realizados, muitas informações são agregadas ao conhecimento humano. Marcuschi apresenta uma definição para os Gêneros Textuais:

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da idéia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. (MARCUSCHI, 2007, p. 22).

Marcuschi (2007) afirma que muitos autores defendem que os gêneros textuais são a materialização da comunicação verbal. De acordo com o entendimento de Marcuschi (2007) o trabalho com a língua e o seu ensino deve estar pautado nos seus aspectos discursivos e enunciativos e não nas suas particularidades formais. Esta visão de Marcuschi segue a tendência de entendimento da língua como uma atividade social, histórica e cognitiva, privilegiando a natureza funcional e interativa e não como um aspecto formal e estrutural da língua.

Nesse sentido, considera-se necessária a diferenciação dos tipos textuais dos gêneros textuais, onde a seguir se apresenta de forma sucinta as características de ambos. Usa-se a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem algumas categorias discursivas conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

A expressão gêneros textuais como uma noção propositalmente vaga para se referir aos textos materializados que são encontrados em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são classificados em algumas poucas categorias, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, carta, sermão, romance, bilhete, reportagem, notícia, horóscopo, receita, listas, cardápio, outdoor, resenha, edital, piada, *email*, conferência, aulas virtuais, bate-papo entre outros.

Bakhtin, em sua obra *Estética da Criação Verbal* apresenta a seguinte observação e definição a cerca dos gêneros textuais:

Os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. São muito mais que famílias de textos com uma série de semelhanças. Eles são eventos lingüísticos, mas não se definem por características lingüísticas: caracterizam-se, como já dissemos, enquanto atividades sócio-discursivas. Sendo os gêneros fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros. (Bakhtin, 1997, p. 125).

Tendo em vista que, didática e historicamente todos os textos se manifestam num ou noutra gênero textual, é preciso um maior conhecimento de como ocorre o funcionamento dos gêneros textuais, cujo entendimento favorece tanto a produção quanto a compreensão dos gêneros textuais. A ideia básica que as diretrizes curriculares apontam é a necessidade de um trabalho com a língua portuguesa, com o texto que deve ser feito com base nos gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos.

No ensino de uma maneira geral, e em sala de aula de um modo particular, pode-se tratar dos gêneros textuais na perspectiva de produção e de uso social do gênero e assim levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos lingüísticos dos mais diversos gêneros, tanto escritos como orais e identificarem as características de gênero presentes em cada um. É um exercício que, além de instrutivo, também permite a prática da produção textual.

Neste sentido, pode-se avaliar o quanto produtivo seria pôr na mão de um aluno um jornal diário e a partir deste contato, identificar os gêneros textuais presentes levantando as características centrais em termos de conteúdo, composição, estilo, nível lingüístico e propósitos. Por mais modesto que seja o resultado, esta atividade pode ser muito promissora e produtiva.

Para Schneuwly e Dolz (2004) os gêneros textuais são fundamentais na escola, visto que eles são utilizados como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos. Muitos educadores, no afã do trabalho com os gêneros, especialmente pelo fato dos modismos e de tendências educativas, acabam por trabalhar com os gêneros textuais restringindo seus ensinamentos aos aspectos estruturais ou formais dos textos.

Para tanto, a escola desconsidera os aspectos interacionais e comunicativos dos gêneros textuais, fazendo com que se trabalhe apenas com a forma do texto e não com a sua função, sendo que o uso desta metodologia, leva apenas a percepção do texto como um simples formulário preenchido para a leitura ou para se trabalhar com a escrita a partir da interpretação e da análise linguística. Ou seja, conforme afirma Marcuschi (2007) esta forma de tratamento do saber historicamente acumulado é a pura repetição do conteúdo e do texto sem a mínima preocupação pedagógica com reconstrução do conhecimento.

Durante anos, as formas de ensino da língua portuguesa estiveram distantes do trabalho com os gêneros textuais, destacando-se de forma evidente o ensino das palavras soltas, das frases, da gramática desvinculada da realidade, ou seja, a língua ensinada pela escola era uma língua totalmente fora da realizada, produzida apenas para ser ensinada e aprendida.

Marcuschi (2007) recorda que nas últimas décadas, muitos materiais didáticos foram e são produzidos considerando o texto como um objeto de ensino. Isto garante e facilita o aprendizado da língua e da linguagem em situações reais de comunicação. O jornal, neste estudo, é meio de interação entre alunos e professores com os diversos gêneros textuais que compõe um jornal escrito.

As novas tendências pedagógicas e didáticas do ensino da Língua Portuguesa apresentam historicamente e de forma gradativa, a introdução de diversos gêneros textuais provenientes da mídia impressa, ou seja, do jornal. Contudo estes estudos e estes trabalhos didáticos não são aprofundados e geralmente acontecem apenas de forma superficial.

Para Marcuschi (2003) é preciso dar uma maior ênfase para o trabalho com a língua através do estudo de textos atuais e contextualizados dentro da realidade do aluno. Ou seja, trabalhar com os textos do meio em que vivem os alunos, buscando um ensino que parta do local para o global, proporcionando um conhecimento cada vez mais aprofundado da realidade onde vivemos. Levar para sala de aula textos jornalísticos garante que a aprendizagem seja mais eficiente e autônoma, onde tanto se considera a temática em estudo quanto a linguagem utilizada em cada um dos gêneros textuais que circulam e que estão apresentados em um jornal impresso e de circulação diária.

Pelas considerações apresentadas acima, percebe-se claramente que o jornal e que os gêneros textuais presentes dentro de um jornal se constituem em um rico

material pedagógico para o estudo da língua portuguesa e para a formação de cidadãos cada vez mais capazes para o uso eficiente e autônomo da língua materna.

2.3.1 Gêneros Textuais no Jornal Impresso

Paulo Freire (2005) afirma que “Com a palavra o homem se faz homem”. Freire reforça ainda que ao dizer a sua palavra, o homem assume conscientemente a sua condição humana. Diante desta afirmação, fazemos uma parada estratégica para pensar na palavra escrita num jornal, algo que realmente leva a pensar e a repensar nossa relação com as palavras e de uma forma mais especial, nossa relação com as palavras escritas em um jornal.

Contudo, diante da atual realidade da educação, se pode questionar: por que usar o jornal na escola? Segundo Faria (2009), o ato de levar jornais para a sala de aula é um ato de trazer o mundo para dentro dela. Neste sentido, os jornais são as portas e as janelas do mundo dentro da sala de aula, meio pelo qual o professor pode levar seus alunos, através da leitura e do trabalho sistematizado com a escrita e a análise linguística, entrar em contato com o mundo e com a atualidade.

Para Faria (2009) o uso do jornal em sala de aula indica um novo contorno do pensar e do agir por meio da leitura e da manipulação do jornal na escola. O uso do jornal na sala de aula permite principalmente para os novos leitores a chance de ter acesso a novos recursos e suportes como um dos possíveis estímulos ao prazer de ler. Pode-se então considerar o jornal como sendo uma fonte primária de informação pois através dele e dos seus mais variados conteúdos se consegue preencher plenamente o seu objetivo de comunicação.

Faria (2007) apresenta que o trabalho com jornal vincula a escola com a realidade social onde esta se encontra inserida e permite o desenvolvimento de atitudes cada vez mais cidadãs por parte dos leitores, diante das informações e das leituras realizadas nos jornais de circulação diária. Para tanto, é necessário que se trabalhe o jornal de modo a desenvolver a leitura prazer e de informação de forma cada vez mais autônoma e eficaz.

Ainda para Faria (2007) no seu livro *O jornal na sala de aula*, vemos que a ideia de utilizar o jornal como um instrumento pedagógico e levá-lo para dentro da sala de aula e assim transformá-lo em uma ferramenta prática para

a motivação do ensino deve ser interiorizado primeiramente pelos próprios professores, que precisam, com urgência, ampliar os seus níveis de leitura dos mais diversos materiais escritos.

Nesta mesma linha e de acordo com Faria (2009) em seu livro *Como usar o jornal em sala de aula*, o trabalho com jornal pode ser analisado a partir de alguns pressupostos. Destes pressupostos pode-se destacar quatro. O primeiro se refere ao aspecto do jornal como formador do cidadão onde se percebe que se a leitura do jornal for bem conduzida, prepara leitores experientes e críticos para desempenhar seu papel na sociedade. Já no segundo aspecto, a autora enfoca a formação geral do estudante, onde a leitura crítica do jornal aumenta sua cultura e desenvolve suas capacidades intelectuais.

Outro aspecto destacado por Faria (2009) é o padrão de língua que os bons jornais utilizam, oferecendo aos professores e alunos, uma boa referência da norma padrão escrita que serve de subsídio para a correção ortográfica e para a produção textual. Em último aspecto destacado pela autora, se pode ter a vantagem de trabalhar com textos escritos autênticos, ou seja, diferentes daqueles que são escritos apenas para serem usados na escola. Através da leitura de jornais é possível desenvolver a capacidade comunicativa para transmitir as próprias mensagens e informações através do texto produzido pelo próprio aluno. Ou seja, é a autonomia da produção escrita à partir da leitura do jornal diário.

Outro ponto que se pode perceber no trabalho com jornal e que também é destacada por Faria (2009) é o fato de que o jornal é um registro escrito da história. Mesmo truncada, as notícias e os fatos jornalísticos vão se tecendo e formando uma projeção da história para o futuro. Neste sentido, Faria (2009) continua afirmando que o jornal reflete os valores, a ética, a cidadania através dos mais variados temas e se torna assim um aparelho importante para que o educando possa se colocar e se inserir na vida social por meio da ferramenta de comunicação jornal impresso.

Faria (2007) em seu livro *Como usar o jornal em sala de aula*, destaca que para os alunos o jornal pode: ser o mediador entre a escola e o mundo; ser o meio que relaciona seus conhecimentos prévios e suas experiências pessoais de vida com as notícias; formar novos conceitos e adquirir novos conhecimentos a partir da sua leitura; promover o aprendizado e pensamento crítico sobre o que lê; e estabelecer novos objetivos de leitura.

Na leitura desta autora, pode-se verificar que para os professores o jornal é um excelente material pedagógico para todas as áreas do conhecimento, sempre atualizado, e desafiador da prática pedagógica devido ao fato de desafiar o docente a encontrar o melhor caminho didático e pedagógico para fazer o bom uso do jornal em sala de aula.

Verifica-se então neste contexto e se destaca Paulo Freire (2005) em seu livro *Pedagogia do Oprimido* onde ele afirma que:

O educador já não é o que apenas educa, mas que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 2005, p. 79).

O trabalho com o jornal em sala de aula, no entendimento que se tem e pelo que o texto acima sugere apresenta vantagens tanto para os alunos quanto para os professores. O crescimento ocorre em duas direções, onde o professor cresce enquanto sujeito aprendiz e onde o aluno promove a aprendizagem da língua portuguesa com maior autonomia e eficiência.

De acordo com Miranda (2007) o uso pedagógico do jornal em sala de aula promove a transposição dos processos convencionais de aprendizagem e cria um interesse mais natural pelo processo de aprendizagem. O uso do jornal em atividades de leitura, de escrita e de análise linguística desperta a curiosidade dos alunos, cria a dúvida, promove a reflexão e discussão das opiniões pessoais.

Ainda de acordo com a autora citada acima, o trabalho com jornal estimula nos alunos a vontade de conhecer o mundo, de interrogar, de interpretar e de buscar nas experiências e nas conversas cotidianas os caminhos para conhecer e produzir conhecimentos em permanente interação e diálogo, experimentando desta forma, novas maneiras de produzir e construir conhecimentos e não apenas dar acesso a informação.

Nos níveis iniciais do Ensino Fundamental, o trabalho com o jornal em sala de aula enfoca inicialmente o trabalho com a formação do hábito da leitura, mas não se pode deixar de lado os aspectos relacionados a formação da cultura em geral nem mesmo o aprimoramento da escrita e da produção textual dos alunos.

Segundo Diniz (2010) qualquer proprietário de jornal tem intenção de entrar na escola e assim, através do seu produto escrito, atuar sob diferentes aspectos:

como função empresarial onde se formam novos leitores para o seu veículo de comunicação, com função educativa onde com o seu material escrito colabora para o enriquecimento dos processos pedagógicos e com função social permitindo o acesso ao mundo letrado dos alunos de menor poder aquisitivo.

Através da introdução do jornal nas séries iniciais do Ensino Fundamental se pretende estimular e formar o hábito da leitura, aproximar o leitor em potencial do jornal, estimular o aluno a discutir a sua realidade, desenvolver o espírito crítico e o pensamento lógico e criativo, ampliar o horizonte de conhecimento dos alunos e dos professores e propor através do uso do veículo de comunicação da mídia impressa, o jornal como um recurso de apoio didático em todas as disciplinas trabalhadas na escola.

2.3.1.1 Gênero Reportagem

De acordo com Costa-Hubes (2007) o gênero reportagem é uma narração de um acontecimento importante, do ponto de vista do repórter. Ele vai além da notícia, pois traz informações, as causas e consequências do fato em questão, estimulando o debate. Enquanto a notícia descreve o fato, e no máximo os seus efeitos e consequências, a reportagem busca mais: partindo da própria notícia, a reportagem desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. A reportagem apura não só a origem dos fatos, mas as suas razões e os seus efeitos.

Segundo Costa-Hubes (2007) a regra principal de uma reportagem é sempre “o mais importante sempre em primeiro lugar”. De acordo com a abordagem e com os temas tratados em uma reportagem elas podem ser: reportagem de fatos que relatam e analisam acontecimentos recentes, sendo que estas devem ser publicadas no calor dos fatos antes que estes percam o seu interesse: reportagem documental que aborda temas de interesse do leitor e faz uma profunda análise do tema apoiado em dados, fatos e fontes que lhe conferem fundamentação e a última, a reportagem de perfil que fala a respeito de uma determinada pessoa.

Enquanto a notícia sintetiza o fato e pode ser ou não ampliada, a reportagem trata de assuntos não necessariamente relacionados a fatos novos. Na reportagem, busca-se certo conhecimento de mundo, o que inclui a investigação e a interpretação. A reportagem requer conhecimento dos antecedentes, a adição das minúcias complementares sobre a notícia e a adequação à linguagem do leitor.

Conforme Lopes – Rossi (2006):

O propósito comunicativo da reportagem, segundo os manuais de redação jornalística, é trazer informações atualizadas e detalhadas sobre fatos (acontecimentos), tema ou pessoa de interesse do público – alvo da revista ou do jornal. No entanto, muitas vezes a reportagem tem o propósito implícito de formar opinião de seu público a respeito de determinado assunto, de causar indignação, de ironizar uma situação, de beneficiar ou desqualificar a imagem de uma figura pública, de fazer propaganda de um produto. (Lopes – Rossi, 2006, p. 38).

2.3.1.2 Gênero notícia

Erbolato (1984) ensina ser possível uma definição satisfatória do que é uma notícia. Segundo ele, a notícia deve ser recente, inédita, ligada à realidade, objetiva, de interesse público, sendo que os fatos relatados devem estar próximos do público, provocar impacto, ter interesse pessoal e humano, ser relevante para a sociedade e sobretudo, ser original.

De acordo com Costa-Hubes (2007) a notícia cobre apenas um fato. Geralmente começa com o nome da cidade do fato divulgado e, em geral, não deve conter opiniões, contando os fatos da maneira mais neutra possível. Segundo a Folha de São Paulo:

Notícia: puro registro dos fatos, sem opinião. A exatidão é o elemento-chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem se justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir ou inserir uma informação no texto pode alterar o significado da notícia. (Novo Manual de Redação – Folha de São Paulo, 2001, p. 88).

Para Costa-Hubes (2007) a notícia é a informação sobre fatos ou acontecimentos reais transmitidos às pessoas, sendo predominantemente narrativa. A notícia deve conter três partes: o título que deve sintetizar o tema central e também deve atrair a atenção do leitor: a introdução e o desenvolvimento que apresenta maiores detalhes sobre o assunto, explicando melhor os fatos. Para as autoras, uma notícia deve necessariamente às seguintes indagações: quem, o que, como, onde, quando e por quê.

Diante do exposto neste capítulo, na sequência deste trabalho de pesquisa acadêmica será realizado um estudo comparativo com alunos de duas turmas de quarta série onde serão trabalhados os gêneros textuais notícia e reportagem. A

base teórica do trabalho que será utilizada será a teoria dos gêneros textuais apresentada anteriormente neste capítulo.

3 METODOLOGIA

Todo trabalho de pesquisa acadêmica, além de primar pela revisão da bibliografia que já existe no meio acadêmico, precisa ainda experimentar na prática da sala de aula como é que se pode aplicar a teoria estudada por meio das técnicas e dos métodos de aprendizagens efetivas e autônomas.

Nesse sentido, a presente pesquisa foi desenvolvida durante o segundo semestre letivo de 2010 com duas turmas de alunos de 4ª série, sendo uma no período da manhã com 23 alunos e outra no período da tarde com 20 alunos. A prática de aplicação desse estudo comparativo foi desenvolvido na Escola Municipal Visconde de Mauá, situada na Rua Santa Catarina, S/N, Centro, no Município de Lindoeste, Paraná.

Para a aplicação desse estudo comparativo foi utilizado em sala de aula junto aos alunos de 4ª Série exemplares de dois jornais de circulação diária no município de Lindoeste, sendo um o Jornal Gazeta do Paraná e o outro o Jornal O Paraná. Os dois jornais são produzidos na cidade de Cascavel – Paraná, distante cerca de 35 quilômetros do município de Lindoeste. A aplicação deste estudo comparativo foi pensada e desenvolvida como parte integrante do trabalho de pesquisa acadêmica e do Trabalho de Conclusão do Curso de Mídias Integradas na Educação da Universidade Federal do Paraná.

A metodologia utilizada na fundamentação teórica foi a da pesquisa bibliográfica com a finalidade de buscar subsídios e explicações teóricas sobre diversos assuntos relacionados ao uso do jornal e dos gêneros textuais em sala de aula. Através das pesquisas realizadas em diversas fontes bibliográficas, se buscou algumas metodologias para iniciar a introdução do uso do jornal em sala de aula.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida em diversos suportes como livros, periódicos, jornais impressos e *online*, *sites da Internet* e teve como objetivo principal a exploração, a descrição e a explicação do assunto em questão.

Para a conclusão da pesquisa foi realizado um estudo comparativo envolvendo 43 alunos de duas turmas de 4ª Série, sendo que todos os alunos das turmas alvo desta pesquisa possuem a mesma faixa etária. Na turma da manhã o trabalho com os jornais foi feito com pouco aprofundamento e na turma da tarde, o trabalho com o jornal foi mediado pela ação e intervenção educativa do professor.

Para a realização do estudo comparativo foi explorada a estrutura geral dos dois jornais, os cadernos que compõe cada edição de um jornal, os aspectos da primeira página e de forma mais específica, foram abordados e explorados as características dos gêneros textuais reportagem e notícia, gêneros estes que integram as edições dos jornais analisados.

Para o desenvolvimento do estudo comparativo nas duas turmas de 4^a série foram utilizados exemplares de jornais de circulação diária no município e que contêm modelos dos gêneros textuais objetos deste estudo: a notícia e a reportagem. Em uma turma foi apresentada a proposta de exploração do jornal, seus cadernos principais e as suas principais características sem muitas explicações e intervenções educativas do professor sendo que, logo em seguida foram solicitadas as atividades para os alunos. Já na segunda turma, foi exposto o mesmo conteúdo de estudo, contudo nesta turma, o trabalho pedagógico em sala de aula foi mediado pela ação do professor mediador. Para pautar este trabalho foram utilizados como referencial teórico os seguintes autores: Marcuschi (2007) que explora a questão do trabalho com os gêneros textuais, Faria (2009) que explora o trabalho com o jornal em sala de aula e Vygotsky (1998) que explora a atuação do professor mediador do processo de ensino e de aprendizagem.

Concluída a etapa de apresentação do trabalho e das intenções pedagógicas que orientam o fazer pedagógico deste estudo comparativo, aconteceu o segundo contato onde foi proposta uma atividade de pesquisa através de um questionário com a finalidade de levantamento de informações junto aos alunos das turmas envolvidas nesse estudo, cujo modelo de questionário encontra-se descrito no Apêndice A deste trabalho. Os alunos responderam a questões que solicitavam informações sobre os seus hábitos de leitura e sobre quais as partes (cadernos e seções) que os alunos mais preferiam num jornal impresso. Os resultados da pesquisa foram tabulados e apresentados no próximo capítulo.

Para que houvessem dados e informações suficientes que pautassem a análise deste estudo comparativo, na turma da manhã a metodologia adotada foi mais expositiva, com a rápida apresentação do jornal e em seguida foi feita a solicitação de algumas atividades orais e escritas com pouca ou nenhuma intervenção mediadora do professor. Já na turma da tarde, conforme o próprio objetivo do estudo comparativo se propôs ao realizar a observação e a aplicação

das atividades nas duas turmas, o trabalho docente foi mais detalhado, explicativo, pouco expositivo, promovendo a mediação pedagógica do professor junto aos alunos. Convém ressaltar que na turma da tarde foram solicitadas as mesmas atividades que na turma da manhã, contudo, o diferencial do trabalho pedagógico esteve sempre mediado pela ação detalhada do professor sobre o conteúdo gêneros textuais e o jornal impresso.

Tanto na turma da manhã quanto na turma da tarde a apresentação e o reconhecimento do jornal impresso teve início com a exploração da primeira página, das manchetes mais importantes e das chamadas de notícia e de reportagem que possuíam destaque naquela edição. Neste momento, foi identificado também o endereço do jornal, o número da edição, os responsáveis chefes pela edição e as demais características da primeira página de um jornal. Na sequência foi explorado nas duas turmas os cadernos mais importantes e que se repetem diariamente numa edição de jornal impresso.

Nesta parte do estudo comparativo de verificação dos cadernos componentes de um jornal impresso foi feita a análise de três edições de cada um dos dois jornais – Jornal O Paraná e Jornal Gazeta do Paraná. Na observação das edições dos jornais, os alunos foram divididos em equipes de quatro a cinco alunos e depois receberam os encaminhamentos metodológicos.

Depois de identificarem os cadernos, foi proposta uma atividade de relato dos temas centrais de cada caderno, identificando os objetivos de cada uma das colunas de um jornal impresso. Nesta atividade, na turma da manhã apenas foi proposta a atividade sem nenhuma explicação complementar. Já na turma da tarde, além de repassar o mesmo encaminhamento metodológico aos alunos, estes foram orientados para perceberem as intenções dos autores na produção dos cadernos, bem como, de verificarem quais são os objetivos dos repórteres e jornalistas ao escreverem sobre determinados temas e assuntos.

Terminada a identificação dos cadernos componentes de um jornal impresso e de circulação diária, a próxima atividade desenvolvida com os alunos foi o reconhecimento dos gêneros textuais reportagem e notícia. Nesta parte do estudo comparativo, a metodologia aplicada também foi distinta e teve como aspecto preponderante a atuação mediadora do professor mais intensa na turma da tarde.

Partindo deste objetivo e com a intenção de realizar a diferenciação existente entre o gênero notícia e o gênero reportagem, para a realização da atividade foram

selecionados diversos recortes com exemplares de notícias e de reportagens que em seguida, foram levados para sala de aula. Convém destacar que os mesmos textos foram trabalhados nas duas turmas alvo deste estudo comparativo.

Somente na turma da tarde, antes da aplicação da atividade de identificação dos gêneros textuais notícia e reportagem pelos alunos divididos em duplas, foi realizada uma explicação detalhada das características individuais de cada gênero, suas particularidades e as características de cada um dos textos. Em seguida, foi proposta a atividade de identificação e de classificação de textos dos dois gêneros: notícia e reportagem, todos eles recortados de jornais de circulação diária no município.

Depois da identificação dos dois gêneros textuais, a última atividade proposta foi a escrita de uma notícia e de uma reportagem. Para a realização desta atividade, a mediação pedagógica desenvolvida na turma da tarde foi exatamente igual aos encaminhamentos dados na turma da manhã. Esta igualdade de encaminhamento metodológico para a produção escrita garantiu que ambas as turmas tivessem condições iguais para demonstrarem os conhecimentos adquiridos durante as atividades desenvolvidas com os gêneros textuais presentes em um jornal impresso.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A aplicação do estudo comparativo e prático do Trabalho de Conclusão do Curso de Mídias Integradas na Educação da Universidade Federal do Paraná teve início com a apresentação do projeto para a escola, para os professores regentes das turmas de 4ª Série, e para os alunos participantes da pesquisa, sendo que os alunos participantes do estudo comparativo somam um total de 43 alunos, sendo que destes 23 são alunos do período da manhã e 20 são alunos do período da tarde. O principal objetivo do estudo comparativo foi a observação e a análise da utilização do jornal em sala de aula como recurso didático para trabalhar a leitura, a produção escrita, a análise linguística e o reconhecimento dos diversos gêneros textuais presentes na mídia impressa - o jornal.

Inicialmente, foi feito um contato inicial com os alunos das duas turmas de 4ª Série onde foi apresentada a proposta de trabalho. Neste primeiro contato, foi aplicada uma pesquisa com os alunos sobre o hábito de leitura do jornal, modelo que consta no apêndice deste estudo. A pesquisa constava de duas questões bem pontuais no que se refere ao reconhecimento e uso do jornal por parte dos alunos. A primeira questão solicitada estava relacionada ao hábito de leitura diária do jornal, em sala de aula ou em casa. Os resultados da pesquisa podem ser verificados a seguir:

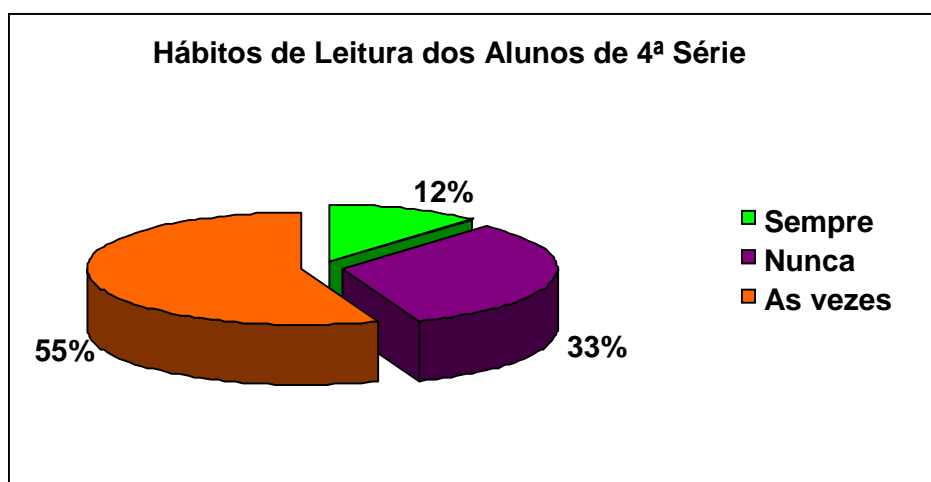


GRÁFICO 1: LEVANTAMENTO SOBRE O HÁBITO DE LEITURA DOS ALUNOS DE 4ª SÉRIE
FONTE: Dados da Pesquisa, 2010.

De acordo com os resultados demonstrados pelo Gráfico 1, a maioria dos alunos pesquisados, destes, cerca de 88% possui pouco hábito da leitura, apontando que nunca ou raras vezes faz uso do jornal para a leitura e o estudo. Isto se deve principalmente em virtude da falta de acesso aos jornais, seja em casa ou na escola. Para apenas 5 alunos, ou seja, 12% dos alunos alvo da pesquisa, a leitura dos jornais é frequente devido ao fato dos pais já serem assinantes de jornais de circulação diária no município.

Percebe-se pela análise do Gráfico 1 que a falta de contato com a leitura dos jornais esta também ligada à falta de acesso ao jornal, ou seja, o aluno não lê nunca ou lê em raras oportunidades porque o jornal não se encontra a disposição dos alunos e de seus familiares, quer seja em casa, quer seja na própria escola onde estudam. Este fator é determinante nas respostas dadas a questão sobre o hábito de leitura dos alunos.

Através das respostas dadas pelos alunos à questão número 1, de acordo com alguns depoimentos de alunos e após a verificação da declaração de renda das famílias feita pelos pais ou responsáveis no ato da matrícula, foi possível verificar ainda que a dificuldade financeira é uma das causas que contribui para a falta de acesso aos jornais e a outros materiais de leitura. Já na escola a dificuldade de oferta de materiais diversificados para leitura é bem visível, pois de acordo com dados levantados junto a Secretaria Municipal de Educação, em nenhuma das escolas da Rede Municipal de Educação existe a presença do jornal diário para o trabalho com a leitura, com a escrita e a exploração dos gêneros textuais.

A situação apontada acima e obtida através da entrevista sobre a falta de hábito de leitura por parte dos alunos tanto na escola como na família é apresentada na revisão de literatura por Faria (2007) que defende a idéia de que as dificuldades de leitura e de escrita podem ser geradas inclusive pelo falta de contato dos alunos com materiais de leitura e de escrita que proporcionem a formação de novos conceitos e promovam a formação de leitores e de escritores cada vez mais autônomos e competentes.

Na segunda questão que foi apresentada, questionou-se sobre quais são as partes do jornal que os alunos mais gostavam de ler. As respostas estão sintetizadas no gráfico abaixo:

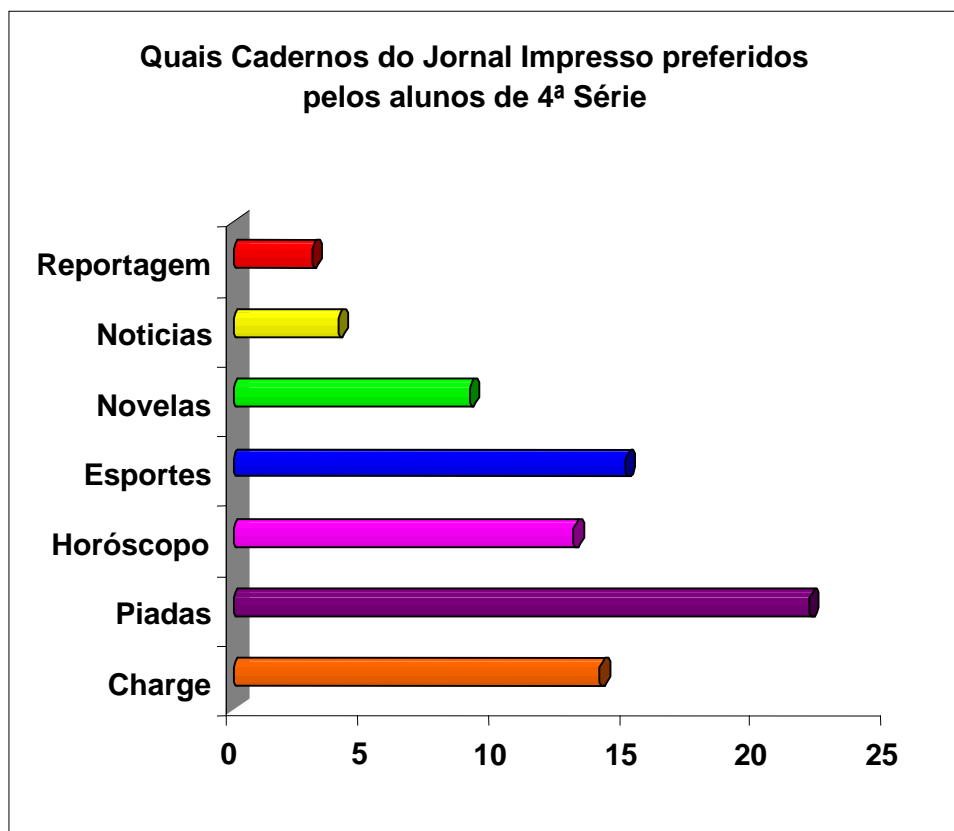


GRÁFICO 2: CADERNOS DO JORNAL IMPRESSO PREFERIDOS PELOS ALUNOS DE 4ª SÉRIE
 FONTE: Dados da Pesquisa, 2010.

Para que os alunos respondessem a questão número 2, não foi dada nenhuma orientação sobre quais os cadernos existentes em um jornal. A intenção da pergunta foi a de descobrir quais os tipos de textos presentes no jornal impresso que são preferidos pelos alunos, e principalmente, quais os gêneros textuais que são conhecidos pelos alunos alvo da pesquisa. As respostas dadas por 23 alunos das duas turmas, demonstram que mais de 50% dos alunos têm maior preferência por textos descontraídos, compostos por temas gerais, que tratem de variedades e que tragam informações para vida diária dos alunos, destacando-se desta forma o gosto pelas piadas, pelos esportes e pela seção do horóscopo.

Considerando os dados levantados por meio do questionário aplicado junto aos 43 alunos das duas turmas de quarta série, na sequência do trabalho de comparação entre as turmas, foi trabalhado com os cadernos que compõe um jornal, verificando-se principalmente quais são os objetivos e as especificidades de cada um dos cadernos componentes de um jornal impresso. Neste momento da pesquisa

prática, o contato com a leitura de diversos textos de um jornal foi mais expressiva, momento em que foram levados para a sala de aula exemplares dos dois jornais de circulação diária no município de Lindoeste – Paraná – Jornal O Paraná e Jornal Gazeta do Paraná.

Nesta atividade prática de identificação dos cadernos de um jornal impresso, pode-se verificar Marcuschi (2007) que aponta que muitos materiais didáticos foram criados e produzidos nas últimas décadas e que consideram o texto como um material e um objeto de ensino. Contudo, mesmo se percebendo a necessidade de trabalho com o texto em sala de aula, o jornal ainda apresenta muita resistência quanto a sua utilização.

Em se tratando dos resultados obtidos na pesquisa aplicada junto aos alunos sobre os cadernos do jornal, os gêneros textuais preferidos, como afirma Marcuschi (2007) são aqueles com situações reais de comunicação, ou seja, aqueles gêneros que conseguem retratar a vida diária dos alunos. Devido a esta característica é que, pelo resultado da pesquisa, são apontados como textos preferidos dos alunos a charge, a piada, o horóscopo, o esporte e a novela. Para os alunos estes textos são mais atrativos pois divertem, causam entretenimento e garantem momentos de diversão. Ou seja, a leitura e o contato com a cultura escrita é algo mais prazeroso, menos penoso, divertido.

A forma de trabalho docente e os encaminhamentos metodológicos trabalhados nas duas turmas foram exatamente iguais, diferenciando-se apenas pela forma de intervenção pedagógica menos expositiva e mais mediadora na turma da tarde. Ou seja, na turma da manhã, para que se pudesse ter como parâmetro a comparação da mediação pedagógica do professor junto aos alunos, a aplicação da pesquisa comparativa foi mais expositiva, distanciada da mediação e da intervenção.

A apresentação e a solicitação das atividades foi feita de forma rápida e a resolução dos encaminhamentos foi executada sem o auxílio do professor visando a verificação do quanto de autonomia os alunos possuíam na realização das atividades. O resultado da compreensão e da resolução das atividades propostas nas duas turmas observadas pode ser verificado no gráfico abaixo.

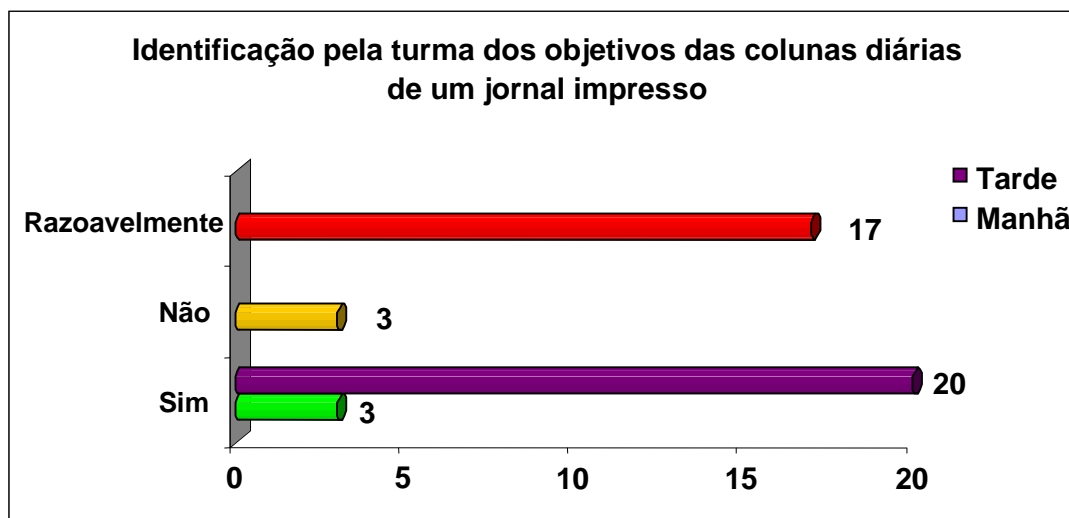


GRÁFICO 3: IDENTIFICAÇÃO DOS OBJETIVOS DAS COLUNAS DIÁRIAS DE UM JORNAL IMPRESSO – TURMA MANHÃ E TURMA TARDE
 FONTE: Dados da Pesquisa, 2010.

Na análise dos resultados das atividades desenvolvidas para a identificação dos objetivos das colunas diárias de um jornal pode-se verificar que na turma da manhã com 23 alunos, a identificação dos objetivos dos cadernos que compõe um jornal foi menos expressiva do que na turma da tarde, sendo que 75% dos alunos, ou seja, apenas 17 alunos conseguiram identificar as características principais dos cadernos de um jornal impresso de forma razoável. Pode-se ainda verificar que apenas 3 alunos realizaram integralmente a atividade de identificação das colunas de um jornal e 3 alunos não conseguiram concluir a atividade com satisfação. Já na turma da tarde, todos os 20 alunos identificaram as intenções comunicativas presentes nos cadernos analisados, ou seja, 100% dos alunos obtiveram sucesso na atividade proposta de identificar os objetivos das colunas diárias de um jornal impresso.

As diferenças de rendimento se devem principalmente ao trabalho docente do professor e pelos fatores de mediação pedagógica evidenciada nos procedimentos didáticos desenvolvidos na turma da tarde. A turma da manhã também teve alguns alunos que conseguiram resolver as atividades propostas mesmo sem terem tido a facilidade da intervenção da mediação do professor em sala de aula, participando de uma atividade expositiva e pouco mediadoras. Esta capacidade conforme afirma Vygotsky (1998) está ligada a Zona de Desenvolvimento Real que é a zona em que estão os conhecimentos já acumulados pelos alunos, ao próprio desenvolvimento

dos alunos e também devido aos conhecimentos prévios dos alunos do jornal, isso em razão do hábito de leitura dos alunos em casa, uma vez que os pais são assinantes de jornais impressos de circulação diária.

Em se tratando de mediação pedagógica, é necessário que se resgate a contribuição de Vygotsky (1998) que destaca que o aluno constrói seu conhecimento na escola e em sua experiência de vida. Para que isso ocorra de forma eficaz, compete ao professor, como mediador, selecionar de forma criteriosa os objetos de conhecimento relevantes para a aprendizagem, levando em consideração as especificidades da turma e dos conhecimentos que os alunos já possuem. Na aplicação do estudo comparativo, a aplicação das atividades na turma da tarde levou em consideração os conhecimentos que realmente são relevantes para os alunos, aspecto este que contribuiu para que todos os alunos pudessem resolver as atividades propostas com segurança e autonomia.

Também foi possível verificar que na turma da tarde, em virtude da mediação do professor e do diferencial de metodologia aplicada, todos os alunos identificaram as características de cada um dos cadernos de um jornal impresso, facilidade esta que não foi verificada nos alunos da turma da manhã, onde a mediação pedagógica não foi tão intensa. Percebe-se desta forma, que quanto maior é a mediação pedagógica do professor junto aos alunos, melhor é a compreensão por parte do aluno e melhor é o resultado final, ou seja, melhor é o nível de aprendizado por parte dos alunos.

Na análise dos resultados da turma da tarde, turma onde o trabalho do professor esteve pautado na mediação pedagógica de forma mais direta e planejada pode-se observar que, segundo Vygotsky (1998) para que as atividades de ensino e de aprendizagem sejam potencializadas é preciso que o professor busque metodologias interessantes, neste caso pode-se citar o uso do jornal em sala de aula, tornando o trabalho mais atraente através do uso de novas metodologias e sempre valorizando o conhecimento de seus alunos.

Na verificação dos dados obtidos no estudo comparativo entre as duas turmas de quarta série, foi possível ainda perceber que segundo Vygotsky (1998), o professor é um orientador, um estimulador de processos que leva o aluno a construir conceitos, valores, atitudes e habilidades. Ao se propor um trabalho pedagógico em sala de aula tendo como base o uso do jornal e os gêneros textuais nele presentes,

pode-se observar o que afirma Vygotsky (1998). Ele afirma que o trabalho do professor mediador favorece a formação do aluno mais completa, mais crítica, uma vez que, através do trabalho com o jornal em sala de aula se parte de fatos e de acontecimentos reais e próximos do aluno e do professor, aspecto este que favorece a criação de uma postura que valorize seus conhecimentos.

Vygotsky (1998) destaca que isso só será possível a partir do momento que o professor assuma o seu papel de mediador do processo de ensino e de aprendizagem, favorecendo assim a postura reflexiva e investigativa do aluno.

Na continuidade do estudo comparativo, o passo seguinte do trabalho foi a apresentação das especificidades dos gêneros textuais notícia e reportagem. A aplicação desta parte do estudo comparativo em duas turmas de quarta série se deu por meio da observação e da análise de alguns recortes de jornal do gênero notícia e do gênero reportagem, sendo que à partir dos recortes levados para a sala de aula pela professora, os alunos fizeram algumas atividades para a classificação dos textos apresentados nos dois gêneros jornalísticos: a notícia e a reportagem.

A atividade aplicada foi desenvolvida pelos alunos que neste momento estavam divididos em grupos. Na sequência deste estudo, logo a seguir, são apresentados dois gráficos. O gráfico 4 apresenta os resultados obtidos na atividade proposta com os 23 alunos da turma da manhã e o gráfico 5 apresenta os resultados apresentados com os 20 alunos da turma da tarde.

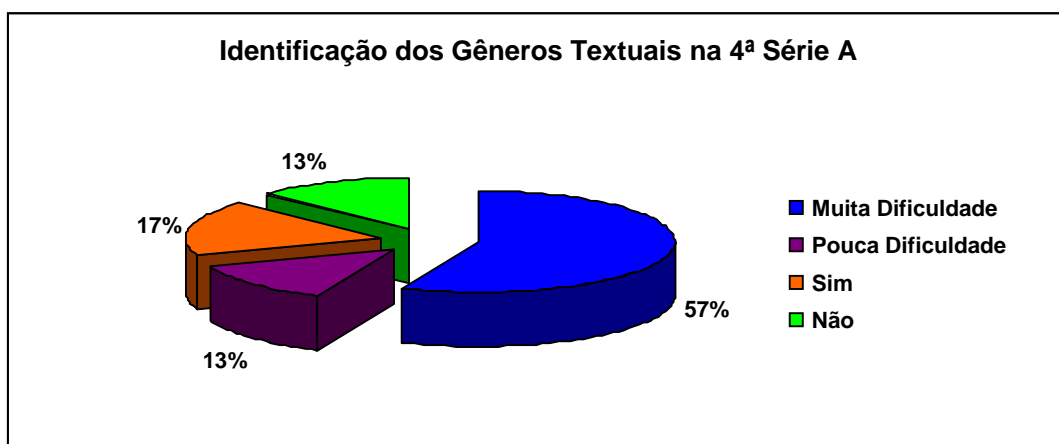


GRÁFICO 4: IDENTIFICAÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA 4ª SÉRIE "A"
 FONTE: Dados da Pesquisa, 2010.

Na análise dos resultados da turma de quarta série do período da manhã, pode-se verificar que os resultados não foram muito satisfatórios. Isso pode ser percebido através do gráfico apresentado acima, onde apenas 17% dos alunos da turma conseguiram identificar as diferenças entre os gêneros textuais notícia e reportagem. Dos demais alunos da turma da manhã, 57%, ou seja, 14 alunos tiveram muita dificuldade, 13% tiveram pouca dificuldade e outros 13% não conseguiram diferenciar uma notícia de uma reportagem.

Os dados acima demonstram a necessidade de mediação e potencialização da postura pedagógica do professor apresentada por Vygotsky (1998). Para Vygotsky (1998), é preciso que o professor aprenda como desafiar, incentivar, provocar e desequilibrar saberes pré-concebidos.

Já quando é analisado o resultado obtido pelos alunos da turma de 4ª série do período da tarde, a atividade proposta foi a mesma, contudo a intervenção pedagógica e mediadora do professor foi mais presente e constante durante todo o processo de execução da atividade de diferenciação do gênero textual notícia do gênero textual reportagem. Os resultados obtidos na turma da tarde são apresentados no gráfico abaixo:

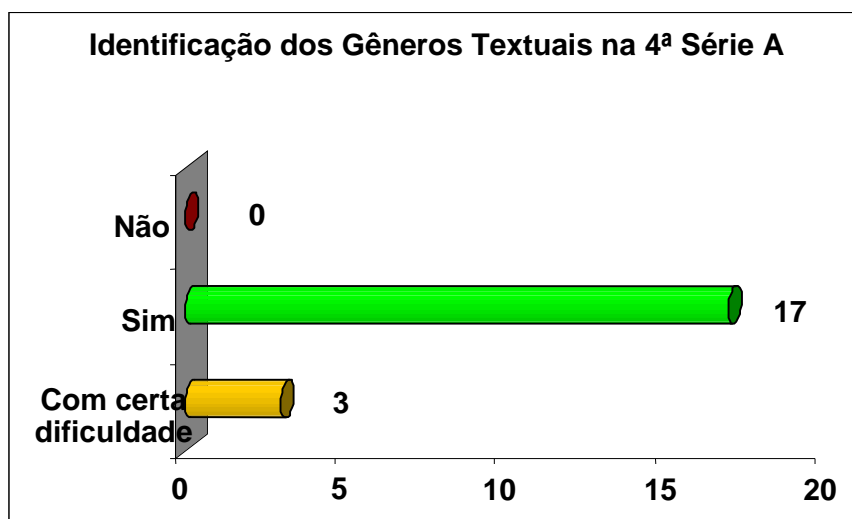


GRÁFICO 5: IDENTIFICAÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA 4ª SÉRIE "B"
FONTE: Dados da Pesquisa, 2010.

Na turma da tarde os resultados foram animadores. Dos alunos participantes da pesquisa, apenas 15% teve um pouco de dificuldade de diferenciar os gêneros textuais apresentados. Já o restante da turma, ou seja, 85% dos alunos identificaram com grande autonomia e agilidade os gêneros textuais notícia e reportagem.

Pelos resultados apresentados anteriormente sob a forma de gráficos, é possível verificar que a tanto na identificação dos cadernos de um jornal impresso quanto na classificação de um gênero textual em notícia ou reportagem foi necessária a intervenção pedagógica e mediadora do professor. Os resultados foram melhores junto aos alunos do período da tarde, onde a mediação pedagógica foi mais intensa e perceptível, uma vez que o professor esteve auxiliando de forma mais efetiva os alunos na resolução das atividades propostas.

Já nas atividades desenvolvidas junto aos alunos da turma da manhã, onde foram aplicadas as mesmas atividades, porém sem a mediação pedagógica do conteúdo por parte do professor, onde a intervenção que foi apenas expositiva e diretiva do conteúdo, percebe-se que os resultados não foram tão bons quanto os obtidos na turma de quarta série do período da tarde.

Pode-se ainda considerar que os resultados obtidos na aplicação das atividades do estudo comparativo na turma da manhã não foram piores em virtude dos conhecimentos prévios dos alunos, o conhecimento de senso comum em razão do próprio desenvolvimento potencial da aprendizagem desenvolvido pelos educandos em situações onde a mediação pedagógica do professor não é tão intensa e eficaz.

Na análise dos resultados do estudo comparativo, em se tratando do conhecimento prévio dos alunos, é importante ser destacada a necessidade do professor reconhecer e identificar a Zona de Desenvolvimento Real e a Zona de Desenvolvimento Proximal apresentada por Vygotsky (1998) em seus estudos. Quanto mais eficiente for o reconhecimento dos alunos por parte do professor deste processo, tanto mais eficiente será a intervenção docente deste diante dos seus alunos no que se refere a aprendizagem escolar.

É também importante destacar que Vygotsky (1998), quando fala da Zona de Desenvolvimento afirma que estes conceitos valem tanto para o aluno quanto para o professor, uma vez que a aprendizagem não é um processo restrito a uma tarefa ou espaço de tempo, e nem somente para o aluno. Neste sentido, tanto professor quanto aluno precisam se habituar a trabalhar com o jornal em sala de aula e principalmente, de explorar os gêneros textuais a partir de um suporte textual que circula na sociedade e que possui função social previamente determinada.

De acordo com os estudos teóricos apresentados neste trabalho de conclusão de curso e à partir dos dados levantados e verificados através do estudo

comparativo, fica demonstrada a necessidade de se trabalhar em sala de aula com atividades que envolvam a mediação pedagógica, visto que, segundo se verificou na prática deste estudo comparativo, os resultados do processo de ensino e de aprendizagem tendem a ficar negativos quando se retira a mediação pedagógica do processo educativo.

No que se refere aos resultados das produções escritas realizadas em grupos de três alunos cada, todas elas estiveram adequadas aos encaminhamentos sugeridos em sala de aula, uma vez que tanto na escrita do gênero notícia quanto na escrita do gênero reportagem, todos os grupos das duas turmas conseguiram apresentar as características mínimas de cada gênero produzido.

Percebe-se com isso, que em igualdade de condições e através das orientações de um sujeito mais experiente, que no caso é o professor mediador, os alunos têm condições de identificar e de reconhecer os gêneros textuais presentes no jornal impresso, como também, têm condições de realizar com segurança e eficácia as atividades de produção escrita propostas em sala de aula pelo professor.

4 CONCLUSÃO

O objetivo da presente pesquisa foi de trabalhar a leitura, a produção escrita, a análise linguística e o reconhecimento dos gêneros textuais notícia e reportagem presentes na mídia impressa - o jornal com alunos da 4ª série do Ensino Fundamental.

Por meio do estudo comparativo foi possível verificar que o uso do jornal em sala de aula contribuiu para a melhoria dos níveis de leitura e de escrita dos alunos. O interesse por folhear um jornal, ler suas notícias, ficar informado pode ser percebido nas duas turmas em que o estudo comparativo foi desenvolvido. Cabe destacar que, de acordo com dados obtidos junto a Biblioteca Pública Municipal, que mantém em seu acervo um arquivo de jornais para leitura e para pesquisa, cerca de 50% dos alunos das 4ª séries envolvidos nas atividades de uso do jornal em sala de aula, passaram a freqüentar com mais assiduidade a biblioteca e realizar leituras rápidas nos jornais disponíveis.

Quanto ao desenvolvimento da escrita e da análise linguística, o uso do jornal contribuiu para que as produções textuais se estruturassem de forma mais eficiente, sendo que o reconhecimento das intenções do escritor também foram desenvolvidas de forma autônoma e eficaz.

No que se refere aos gêneros textuais, o trabalho desenvolvido por meio da mediação pedagógica do professor teve resultados significativos quanto à identificação das características dos gêneros textuais em análise: a notícia e a reportagem. Pela comparação dos dois grupos, grupo A que não teve a intervenção do mediador, e grupo B que teve a intervenção do observador, constatou-se que nas atividades propostas, a mediação pedagógica e docente foi um dos fatores que contribuíram para a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem.

Dentre os fatores que também contribuíram para a obtenção dos resultados pode-se mencionar os conhecimentos prévios dos alunos envolvidos no estudo comparativo. Estes conhecimentos prévios, conforme se verificou através da revisão da literatura de Vygotsky (1998) são observados como produtos da Zona de Desenvolvimento Real que quando devidamente estimulada, atua e modifica a Zona de Desenvolvimento Proximal. Segundo o mesmo autor, essa estimulação é dada

principalmente devido a três fatores distintos: através do trabalho docente, através da mediação pedagógica e pela interação entre os próprios alunos.

Concluindo este estudo, verifica-se que os objetivos iniciais foram alcançados em razão da busca de jornais para leitura por parte dos alunos na Biblioteca Pública, e devido ao fato de reconhecimento dos gêneros textuais que compõe um jornal impresso. Neste sentido, se percebe a necessidade de um trabalho diferenciado com as diversas mídias existentes, mas de forma particular, com a mídia jornal impresso, mesmo tendo o conhecimento de que a maioria das escolas já possui outras mídias a sua disposição, para uso dos professores e dos alunos com objetivo de favorecer o enriquecimento das ações didáticas e pedagógicas necessárias para o sucesso do processo de ensino e de aprendizagem.

Na continuidade deste trabalho, pode-se sugerir o estudo e o aprofundamento dos diversos gêneros textuais presentes em um jornal impresso, bem como a produção dos gêneros estudados que poderiam compor o jornal da escola. O trabalho poderia ser organizado com objetivos claros de promover a divulgação das atividades escolares desenvolvidas por alunos e professores, bem como, promoveria o desenvolvimento da leitura e da escrita e o reconhecimento dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente e são utilizados diariamente pelos indivíduos nas situações comunicativas que ocorrem durante as relações sociais entre os seres humanos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M., MEDEIROS, J. B. **Comunicação em Língua Portuguesa. Normas para Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1982.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o ba-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- COSTA - HUBES, T. C. (Org.) **Sequência Didática: Uma Proposta para o Ensino da Língua Portuguesa nas series iniciais**. Caderno Pedagógico 1. AMOP – Associação dos Municípios do Oeste do Paraná – Departamento de Educação. Cascavel: Gráfica Assoeste, 2007.
- DINIZ, J. P. - **O Jornal na Sala de Aula**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFBR. Disponível em: <
http://www.ufrb.edu.br/publica/components/com_mtree/attachment.php?link_id=23&cf_id=31 Acesso em: 01 jul 2010.
- ERBOLATO. M. L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FARIA, M. A. **Como usar o jornal na sala de aula**. Coleção Repensando o Ensino. 10. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____, M. A. **O jornal na sala de aula**. 13. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____, M. A. ZANCHETTA, J. Jr. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo: Publifolha, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula. Leitura e Produção**. 3. ed. Cascavel: Assoeste, 1985.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.
- LOPES-ROSSI, M. A. G. **Práticas de leitura de gêneros discursivos: a reportagem como proposta**. In: PETRONI, M. R. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.) **Gêneros Textuais & Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: constituição e práticas sociais**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gênero e Compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: constituição e práticas sociais**. São Paulo: Cortez, 2007.

MIRANDA, Y. F. B.. **Trabalho com Jornal em Sala de Aula: Estado de Arte**. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação – Unicamp Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2007. Disponível em: http://www.alb.com.br/ltp/img/tcc_yasmin.pdf Acesso em: 09 ago 2010.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Os gêneros escolares – das praticas de linguagem aos objetos de ensino**. Trad. de Gláís Sales Cordeiro. In: R.H.R. Rojo e G.S. Cordeiro (Orgs). **Gêneros textuais e Escritos na Escola**. Campinas, SP: EDUC / Mercado de Letras, 2004.

VYGOTSKY, L. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO 1:

Ministério da Educação - MEC
Universidade Federal do Paraná - UFPR
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação
a Distância - CIPEAD



Cursista: Denise Fiorezzi

Escola: _____

Professora: _____

Aluno (a): _____

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU-SENSU* EM MÍDIAS INTEGRADAS NA
EDUCAÇÃO**

QUESTIONÁRIO

1- Você jornal? Porquê?

- Sempre
 Às vezes
 Nunca

2- Quais são os seus cadernos preferidos dentro de um jornal impresso?

- Charge
 Piadas
 Horóscopo
 Esportes
 Novelas
 Notícias
 Reportagem